



DO QUE SE OUVI NO QUE SE DIZ - O EQUÍVOCO NO ENTRE-LÍNGUAS¹ CE QUI S'ENTEND DANS CE QUI SE DIT - L'ÉQUIVOQUE ENTRE LES LANGUES

Bruno Molina Turra²
 Valéria Regina Ayres Motta³

*De som a som
 Ensino o silêncio
 A ser sibilino
 De sino em sino
 O silêncio ao som
 Ensino
 Paulo Leminski*

Resumo: Partiremos da análise de um fato de língua a fim de pensarmos as relações produzidas para um falante entre dois sistemas linguísticos quando da emergência do equívoco. Fundamentados por uma linguística que nomeamos “milneriana”, que quer dizer uma linguística saussuriana afetada pela psicanálise, buscaremos pensar as noções de materno e estrangeiro postos em causa sob a égide de lalíngua, na medida em que esta é o que faz furo no Um da língua (MILNER, 1978[2012]). Em nossa discussão, trataremos do deslizamento de um sistema linguístico a outro a partir do que Lacan leu em Saussure como “cadeia significante”, um funcionamento já descrito por Freud, em 1901, ao tratar do esquecimento de palavras estrangeiras. Num segundo momento, faremos uma breve reflexão sobre o possível tratamento do equívoco (em oposição ao erro) na sala de aula de língua estrangeira no sentido de sustentá-lo enquanto da ordem da singularidade, daquilo que dá indícios de um sujeito.

Palavras-chave: Sujeito; Equívoco; Lalíngua.

Résumé : Nous partions de l'analyse d'un fait de langue pour réfléchir aux relations produites pour un sujet parlant entre deux systèmes linguistiques lorsque l'émergence de l'équivoque. À partir d'une linguistique que nous appelons « milnérienne », c'est-à-dire d'une linguistique saussurienne touchée par la psychanalyse, nous refléterons sur les notions de maternel et d'étranger mises en cause sous l'égide de lalangue, dans la mesure où c'est ce qui fait trou dans l'Un de la langue (MILNER, 1978[2012]). Dans notre discussion, nous traiterons du glissement d'un système linguistique à un autre à partir de ce que Lacan lisait chez Saussure comme une « chaîne signifiante », un fonctionnement déjà décrit par Freud, en 1901, à propos de l'oubli des mots étrangers. Ensuite, nous ferons une brève réflexion sur le traitement possible de l'équivoque (par opposition à l'erreur) en classe de langue étrangère afin de le soutenir dans l'ordre de la singularité, de ce qui témoigne d'un sujet.

Mots-clefs : Sujet ; Équivoque ; Lalangue.

¹ Este trabalho teve uma versão inicial apresentada no ENELIN-2019. Agradecemos aos pareceristas da revista Cadernos de Estudos Linguísticos pelas contribuições.

² Pesquisador Colaborador no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/Unicamp. Psicanalista e doutor em Linguística pela Unicamp. Membro do Grupo de Pesquisa GAPL-IEL/Unicamp e Grupo Ferdinand de Saussure (UFU). bruno.m.turra@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5243-7245>

³ Doutora em Linguística pela Unicamp e pós-doutorado em Educação, conhecimento e sociedade pela Univas. Membro do Grupo de Pesquisas PsiPolis – Psicanálise, Política e Significante – IEL/Unicamp. mottavall65@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1490-5607>

Neste texto, trataremos da irrupção do equívoco na produção de um sujeito falante de dois sistemas linguísticos, na medida em que tal fenômeno se precipita a partir da invasão de um sistema sobre outro balizado pela homofonia. Nossa discussão tem por base o que se escreveu, em nossas conversas, com a linguística milneriana. A passagem do nome próprio ao atributo do termo “linguística”, aqui, não diz da assunção de que Milner teria fundado uma linguística de novo tipo, portanto, não é da posição de pai fundador que nos apropriaremos de suas reflexões. Tomá-lo-emos como mestre, significante mestre, no sentido de que é a partir de suas reflexões sobre a linguagem e a linguística que encadaremos nossa leitura.

Assim, partiremos, com Milner, de Ferdinand de Saussure. Porém, não do Saussure estruturalista, aquele erigido, sobretudo nos anos de 1940 e 1950, calcado nas exclusões e dicotomias que ainda hoje ouvimos serem repetidas com pouco rigor. Falamos a partir de um Saussurismo⁴, uma leitura do genebrino que se tornou mais vigorosa a partir da descoberta de seus novos escritos em 1996, como destaca Plastow (2011, 174):

Sem a descoberta dos escritos de Saussure em 1996 na *orangerie* da propriedade de sua família em Genebra, o Saussurismo poderia ter desaparecido, e é provável que a linguística teria sido absorvida de bom grado pelas ciências cognitivas e pelas ciências da comunicação.

Vale ressaltar que uma leitura de Saussure que escapasse do enquadre estruturalista já era realizada antes dos novos documentos⁵. A filologia saussuriana inaugurada por R. Godel (1953) atesta isso, bem como as publicações sobre os anagramas e as lendas germânicas realizadas nas décadas seguintes. O que a citação de Plastow nos dá a ouvir é a importância da teorização saussuriana como resistência à hegemonia das teorias cognitivas e da comunicação que têm dominado nosso campo.

Com isso, explicitamos que o enquadre metodológico que damos a nossa leitura segue na contramão de uma compreensão naturalista de língua. Nesse sentido, os conceitos aqui mobilizados decorrem de dois pontos fundamentais da teoria saussuriana: i. a radical arbitrariedade do signo, que invalida a tese de que a língua seja uma nomenclatura, e ii. a teoria do valor (de que o signo é negativo e diferencial, ou seja, de que o sentido só é produzido dentro do sistema, na relação entre os termos), o que invalida a tese de que haja qualquer motivação na relação entre palavra e coisa.

Tendo circunscrito de que lugar da linguística colocamos nossas questões, ou seja, tendo apresentado nossa chave de leitura, retomemos a pergunta de Milner (1978), “Que é a língua se a psicanálise existe?” e a desdobramos em “Que é língua – materna e estrangeira – se o *inconsciente* existe”? Esta pergunta nos coloca na esteira da afirmativa de Gadet e Pêcheux de que “embora a linguística não tenha nada a dizer do inconsciente, ela pode assinalar pontos na língua em que o sujeito não pode ser representado a não ser como sujeito desejante” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 152).

O que destacamos desse fragmento de *A língua inatingível* recai sobre o reposicionamento da linguística frente à hipótese do inconsciente. Nesse caso, uma vez que acolhemos tal hipótese, há todo um deslocamento que deve ser feito ao se

⁴ Puech (2000[2013]) destaca que não haja “saussurismo”, mas “saussurismos”, no plural, devido às diversas recepções da obra do genebrino, servindo a diferentes programas de pesquisa. Não nos alongaremos nesta questão pois foge ao escopo deste trabalho, mas recomendamos a leitura indicada.

⁵ A fim de nos atermos ao que nos propomos neste texto, destacamos apenas que não estamos opondo um Saussure verdadeiro (o dos novos documentos) a um Saussure falso (o do *Curso de Linguística Geral*). Nossa leitura vai no sentido de que os novos documentos lançaram uma outra luz sobre a forma de ler o CLG (cf. Trabant, 2005).

compreender que i. o inconsciente é estruturado como uma linguagem; ii. a linguagem é condição do inconsciente; e iii. o sujeito é efeito da relação entre significantes.

Esse modo de pensar a língua e o sujeito faz furo na linguística enquanto ciência, uma vez que põe em evidência o fracasso da constituição de seu objeto, tanto ao estabelecer a língua como idêntica a si mesma, no sentido de que se possa dizer Uma língua (MILNER, 1978[2012], p. 20), quanto – e principalmente – de que a língua é um instrumento (ou ainda um meio) para o sujeito se comunicar. Sustentamos essa compreensão em dois fragmentos de Lacan: “o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante” (1972-1973[2008], p.152); “O significante é signo de um sujeito” (*op. cit.* p. 153). Dito de outro modo, não há sujeito fora da linguagem. A língua não é um instrumento externo ao sujeito que a utiliza para se comunicar, não se trata, portanto, de aquisição de uma língua, mas da “captura da criança pela língua em ato na cadeia significante em que poderá vir a emergir como sujeito” (LEMOS, 2009, p. 4). Retornaremos a isso mais adiante.

Nosso objetivo não é o de estabelecer um bom uso, uma boa aplicação, da teoria psicanalítica na linguística. Seguimos Milner (1992[2010], on-line) ao afirmar que

Na medida em que a linguagem importa à psicanálise, esta se constitui propriamente nos limites da linguística – uma vez admitido, contudo, que ao dizer limite, diz-se também **contato constante**. Lacan havia forjado a palavra *linguística* para designar essa relação de proximidade e de heterogeneidade absoluta (grifo nosso).

Portanto, a psicanálise não operará no sentido de “suprir uma falta” da ciência linguística, antes, ela se colocará como índice do limite da linguística enquanto ciência, da colocação em ato pelo *contato constante*, da “relação de proximidade e de heterogeneidade absoluta”. Falaremos, assim, não pela linguística, mas como linguistas – e, mais ainda, como sujeitos falantes (LEMOS, 1995). É dessa forma que a psicanálise nos convoca a pensar o ensino de língua estrangeira, não no sentido de “(psic)analisar” os equívocos, os lapsos dos alunos, mas de pensar a língua a partir da ocorrência das imposições do inconsciente. Recorremos mais uma vez a Milner para buscarmos um efeito de amarração e assim, justificarmos metodologicamente o “milneriano” de nossa “linguística”: “A linguística enquanto afetada pela psicanálise, este será nosso objeto” (1978[2012], p. 25).

SOBRE UM FATO DE LÍNGUA E O SUJEITO EM QUESTÃO

Tendo estabelecido as bases das quais nos lançamos para pensar o equívoco entre línguas, passamos a dois deslocamentos que nosso ponto de partida nos impõe: i. que é materno e estrangeiro?; e ii. como lidar com o equívoco no trabalho com uma língua outra?

Do ponto de vista do ensino, os sintagmas *língua estrangeira* e *língua materna* adquirem contornos nem sempre tão precisos. O que afirmamos é que, ainda que partamos da assunção de que o trabalho com uma língua estrangeira nos coloque na posição de estrangeiro em uma língua, não é menos legítimo afirmar que também a língua materna, requisitada nesse processo, é, a partir dos desdobramentos que traz Milner a respeito de *lalíngua*, também ela, estrangeira para algum falante (MILNER, 2012, p. 21). Adensaremos a noção lacaniana de *lalíngua* mais adiante.

Nossa questão – Que é língua materna e estrangeira se o inconsciente existe? – será discutida a partir de um fato de língua destacado por nós de um diálogo entre uma mãe brasileira, professora de língua inglesa, e seu filho de 14 anos.

O filho em questão é o caçula de dois irmãos, apaixonado por futebol, que cresceu ouvindo, sem compreender nada, sua mãe contando, em inglês, ao outro filho e ao marido, algum fato proibido para os ouvidos do pequeno. Tornara-se, então, um hábito para o garoto já crescido e já nas aulas do idioma proibido, falar com a mãe em inglês sempre que o assunto lhes pudesse ser embaraçoso (proibido).

O fato de língua que destacamos ocorre de uma dessas conversas delicadas em que filho e mãe falavam sobre o grande desejo dele de se tornar um jogador de futebol profissional. Diante da recusa da mãe em permitir que ele saísse de casa aos 14 anos para morar em um acampamento de time, seu descontentamento é demonstrado com a seguinte frase: “*Soccer is my life! I love soccer! You know? I love soccer!*”. Sua fala adolescente é emocionada, acalorada. Diante dessa quase explosão, a resposta da mãe foi: “*Oh, you do!*”. A contra-resposta foi surpreendente: “*This is not **all I do!** I also go to school, I study English, I do many other things!*” Demorou uns segundos até que a mãe pudesse compreender o que o garoto havia escutado: “*All you do!*” e respondido ainda mais vigorosamente a isso. Diante do mal-entendido, a mãe retoma sua fala e propõe ao filho que ouça com ela a homofonia que causara tal equívoco.

A consequência teórica que pretendemos extrair deste relato tem a ver, justamente, com a possibilidade de fundamentar a noção de equívoco como distinta da noção de erro, tal como é considerado nas teorias e abordagens tradicionais do ensino de línguas e, nesse caso específico, em uma sequência de língua em que materna e estrangeira se entrecruzam.

Do ponto de vista do ensino de uma língua, importa-nos partir da concepção de equívoco como um “fato estrutural implicado pela ordem do simbólico” (PÊCHEUX, 1983[2006], p. 51). Distinguir o que é da ordem do equívoco do que é da ordem do erro, nos permite, ao ouvir o mal-entendido do diálogo entre mãe e filho, traçar o seu percurso de produção, seus deslizamentos significantes, no sentido de dar consequências ao dizer do falante. O lixo, para onde o erro é jogado sempre que o jogo com a língua se mostra claudicante, será nosso lugar privilegiado de observação. O erro é a materialidade sobre a qual nos debruçaremos, não para esquecê-la, mas, sobretudo, para compreender o que se esquece para que o equívoco possa advir, afinal, o inconsciente nos ensina “que nunca se acerta tanto quanto ao errar [*rater*]” (LACAN, 1971-1972[2012], p.17).

Primeiramente, observamos que se produz, neste relato, um equívoco que se estabelece entre dois sistemas fonéticos distintos: um em que o par /o/-/l/ é distintivo, o que chamaremos aqui de “inglês padrão”, e outro em que tal par não se estabelece, o “português brasileiro padrão”, uma vez que o fonema lateral palatal vozeado [l] se torna velarizado [w] em final de sílaba (ELIAS, 2009, p. 59), permitindo, portanto, a homofonia “Oh”-“All”.

A fim de refinarmos nossa reflexão sobre o equívoco apresentado acima, retomamos Pereira de Castro (2018). Ao se debruçar sobre um extrato da fala de uma criança, a autora articula o conceito freudiano de recalçamento com aquilo que Saussure chamará de esquecimento. Nas palavras da linguista,

É o próprio Freud que em vários artigos, e tratando de questões clínicas diversas, estabelece a relação necessária entre o mecanismo do recalçamento e o esquecimento, o que nos permite reconhecer a amplitude e a pertinência da reflexão saussuriana ao atribuir ao esquecimento um papel na mudança ou criação linguística. Reconhecemos a afinidade entre o que é formulado sobre o esquecimento na língua e na literatura oral, como nas lendas e na recitação poética, por exemplo (*op. cit.*, p. 8 – tradução nossa).

Assim, para Saussure, o esquecimento é essencial para a criação linguística. É a partir do esquecimento que o rapsodo no ato de recitação cria um elemento para suprir o

lugar deixado por um esquecimento. O mesmo ocorre na transmissão das lendas, Saussure depreende este funcionamento de suas análises das lendas germânicas (cf. Saussure/Marinetti e Melli, 1986). Pereira de Castro (2010) amplia a compreensão do funcionamento do esquecimento ao discutir a captura do *infans* pela língua (da mãe, o primeiro Outro): é preciso que haja um esquecimento da fala infantil para que a criança seja submetida ao funcionamento da língua e, “se ela [a fala infantil] retorna já não é mais como fala infantil, mas como equívoco, submetida à escuta e à análise do falante da língua materna, que estranha o que ouve porque já não se lembra de tudo o que foi preciso esquecer quando foi por ela capturado” (PEREIRA DE CASTRO, 2010, p. 101).

Na esteira do que propõe a linguista brasileira, o equívoco produzido parte de um esquecimento – o de que em língua inglesa os fonemas /ʊ/ e /l/ em final de sílaba formam um par distintivo. Desse esquecimento, pela orelha do falante, produz-se, não apenas a substituição de uma palavra pela outra, mas a irrupção do sistema linguístico da língua “materna” [o fonema /w/] no sistema da “outra” língua.

É interessante destacar que essa homofonia em particular só foi possível materialmente, pois a condição de emergência do sujeito do inconsciente é o deslizamento significante. Milner (1978 [2012], p. 100) lança luz à nossa discussão ao afirmar:

Seja uma sequência de língua. Basta que nela um sujeito de desejo dê indício num ponto para que, num só golpe, tudo desande: a calculabilidade sintática cessa, a representação gramatical sucumbe e os elementos articulados viram significantes. Esse processo – que conforme J.-A. Miller, recuperando um termo de Lacan, chamarei de processo de “subjetivação” – pode operar em qualquer lugar, bastam uma cadeia e um ponto que dela se destaque. O sujeito, nesse sentido, tem liberdade de indiferença e todos os lugares podem ser habitados por seu desejo.

Destacamos: “todos os lugares” – e isso em nada se liga ao que os estudos da linguagem delimitam como sendo uma língua ou outra. Isso diz da ordem própria da língua, ou, em outras palavras, da ordem simbólica, que comporta o equívoco – o deslize, o tropeço – isso que faz obstáculo para o sentido.

Esta afirmativa não invalida o fato de que o equívoco produzido nas sequências de língua que apresentamos na historietta tenha sido materialmente possível de ocorrer devido a um funcionamento singular, a velarização do /l/ final em português brasileiro, fato não observado, por exemplo, na variante portuguesa. Neste caso, estamos na direção do que afirmam Gadet e Pêcheux a partir do postulado saussuriano, de que “existe língua e de que existem línguas” (GADET; PÊCHEUX, 2004, p. 19). Existe língua na direção de se pensar um funcionamento que é próprio de toda língua, e existem línguas na direção de se considerar que cada idioma específico tem seu funcionamento singular.

Isso não é o mesmo que dizer que tudo pode. Fundamentalmente, o equívoco é aquilo que faz furo no Um da língua: “o real do equívoco resiste: a língua não cessa de ser desestratificada por ele” (MILNER, 1978[2012], p. 19). Dito de outro modo, basta uma cadeia significante para que o sujeito de desejo possa dar indício: algo falha e o “oh” é ouvido “all” à brasileira, com o /l/ velarizado. O equívoco reside na fonia, despoja a língua “do que ela tem de útil para a comunicação, isto é, renunciar ao distintivo: não mais o cúmulo de pureza do sentido, mas a faceta multiplicada da homofonia” (*op. cit.*, p. 40).

Do ponto de vista da psicanálise, caberia uma investigação a partir de encadeamentos posteriores do indivíduo que produziu o equívoco a fim de construir algo que diga da ordem do sujeito, já que o equívoco é indício de sua emergência. A homofonia que permitiu que lá onde, no lugar da pontuação “Oh, you do”, se tenha ouvido uma acusação, “All you do”, que mereceu ser rebatida com vigor, aponta para tal emergência. E é este o limite da linguística de que fala Pêcheux e Gadet, uma interpretação do suposto

desejo do sujeito por parte do linguista não seria senão uma impostura. Vale ressaltar que um investimento interpretativo em que não esteja em jogo a relação analista-analisando não seria mais do que uma selvageria, para retomarmos o termo de Freud. Que pode então a linguística? Ou, mais especificamente, que pode o professor de língua diante de tal fato?

A fim de fundamentarmos uma possibilidade de resposta para estas perguntas, retomaremos um texto inicial da psicanálise. Trata-se de *Psicopatologia da vida cotidiana*, publicado por Sigmund Freud em 1901, em que analisa lapsos de fala, esquecimentos, entre outras manifestações inconscientes. O vienense dedica um capítulo inteiro ao que chama de “esquecimento de palavras estrangeiras”, em que relata diversos casos de esquecimento e o processo a que submetia o paciente – o de associar livremente a partir da palavra esquecida – a fim de chegar à causa do esquecimento, que sempre estava relacionada a alguma memória que insistia em permanecer recalcada.

Em um desses relatos, a palavra latina *aliquis* (“alguém”, em português) é esquecida. No exercício associativo do paciente proposto por Freud surge o encadeamento: “a” e “*liquis*” → relíquia – liquidação – fluidez – fluxo [*Reliquien – Liquidation – Flüssigkeit – Fluid*] → Simão de Trento → “acusação de sacrifícios de sangue que agora está sendo lançada de novo contra os judeus” → livro de *Kleinpaul* [1892], “que vê em todas essas supostas vítimas reencarnações, reedições, por assim dizer, do Salvador.” (FREUD, 1901[1996], p. 28) → artigo que leu num *jornal italiano* cujo título era ‘O que diz Santo Agostinho sobre as mulheres’ → São *Januário* e o milagre de seu sangue.

Aqui, Freud pontua: “São *Januário* [*Januarius*] e Santo *Agostinho* [*Augustinus*] têm a ver, ambos, com o calendário. Mas que tal me ajudar a lembrar do milagre do sangue?”, ao que o paciente prossegue:

–“O senhor com certeza já ouviu falar nisso! O sangue de São Januário fica guardado num pequeno frasco, numa igreja de Nápoles, e num determinado dia santo ele se *liquefaz* milagrosamente. O povo dá muita importância a esse milagre e fica muito agitado quando há algum atraso, como aconteceu, certa vez, na época em que os franceses ocupavam a cidade. Então, o general comandante - ou será que estou enganado? será que foi Garibaldi? - chamou o padre de lado e, com um gesto inequívoco na direção dos soldados a postos do lado de fora, deu-lhe a entender que *esperava* que o milagre acontecesse bem depressa. E, de fato, o milagre ocorreu...” (FREUD, 1901[1996], p. 29)

Nesse momento da associação, ocorre ao paciente sua preocupação com uma moça *italiana* com quem teve relações e que poderia estar grávida. Chega-se então a uma interpretação que satisfaz ao paciente como sendo o motivo de seu esquecimento.

Não será nossa tarefa qualificar a condução do exercício por Freud nem mesmo validar ou não a interpretação construída. O que nos interessa aqui é pontuar como essa associação se construiu. Observemos o encadeamento:

Aliquis – liquis – relíquia/líquido/fluido/liquidação [*Reliquien – Liquidation – Flüssigkeit – Fluid*] – *sacrifício de sangue – Agostinho – Januário – milagre do sangue – liquefaz – atraso no milagre.*

Dois pontos se destacam: o primeiro é o próprio esquecimento colocado como ponto inicial da associação que se segue e como índice de um recalamento; o segundo diz da não relação que se estabelece entre o fluxo associativo e a “permanência” em uma ou outra língua. Nota-se que o exercício se inicia com o termo latino, desloca-se para o alemão, o italiano, o alemão novamente. Vemos nesse funcionamento uma marca daquilo que buscamos compreender: para o encadeamento inconsciente, o que está em jogo não é o fato de que haja línguas, mas cadeia significante, e esta possui um funcionamento bastante próprio, como pontua Saussure no *Curso de Linguística Geral* (1916) e que trataremos abaixo.

Antes, porém, o conceito “cadeia significante” merece algumas palavras. O termo não é de Saussure. Lê-se tanto no *CLG* quanto em seus *Escritos de Linguística Geral* sintagmas como *cadeia falada*, *cadeia da fala*, *c. acústica*, *c. fônica*, *c. de sons*. É, entretanto, a partir do segundo princípio do signo linguístico, o caráter linear do significante, que podemos depreender que o significante faz cadeia: “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam cadeia” (CLG, p. 84). Pode-se dizer, portanto, que a “cadeia significante” de Saussure é aquela que se desenrola no tempo *in praesentia*, ou seja, o eixo sintagmático, e que implica o sujeito falante (cf. Arrivé, 2007 [2010], p. 69 ss.).

Tomemos, então, a expressão cunhada por Lacan de sua leitura de Saussure:

Com a segunda propriedade do significante, de se compor segundo leis de uma ordem fechada, afirma-se a necessidade do substrato topológico da qual a expressão “cadeia significante”, que costume utilizar, fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis (LACAN, 1957 [1998], p. 505).

O psicanalista, em sua leitura de Saussure, produz algumas torções. Seguimos Milner (1995[2002], p. 144 – tradução nossa) a fim de compreendê-las: partindo dos pressupostos de que “só há cadeia de significantes” e “só há organização de significantes em cadeia”, Lacan propõe então que as duas relações entre significantes (a metáfora e a metonímia [deslocamentos dos conceitos saussurianos de relação associativa e relação sintagmática, respectivamente]) só possam ser definidas porque há cadeia. Nas palavras do autor, “uma cadeia significante é um conjunto sobre o qual pode-se definir as relações de metáfora e metonímia, e apenas elas.” Há, assim, na compreensão de Milner, uma projeção do eixo associativo (o da metáfora) sobre o sintagmático (o da metonímia). Isso produz uma redução das duas dimensões a uma, *in praesentia* (MILNER, 2002, p. 156). É dessa posição, lacaniana, que tomaremos a cadeia significante: o lugar em ato da produção de metáforas e metonímias (de condensações e deslocamentos, nos termos freudianos).

Chama-nos a atenção o fato de Freud ter observado esse funcionamento da linguagem – o deslizamento significante – que será formalizado quinze anos mais tarde pelo genebrino. Ainda no texto de 1901, o psicanalista escreve:

Quando analiso o caso de esquecimento de nomes que observo em mim mesmo, quase sempre descubro que o nome retido se relaciona com um tema que me é de grande importância pessoal e que é capaz de evocar em mim afetos intensos e quase sempre penosos. [...] A relação do nome comigo me é inesperada e em geral se estabelece através de associações superficiais (tais como a ambiguidade verbal ou a homofonia) (FREUD, 1901 [1996], p. 39-40).

A lição que queremos tirar do excerto é que as expressões utilizadas pelo vienense tocam no mesmo fato de língua do qual leremos no texto de 1916 atribuído a Saussure. Lemos no *Curso de Linguística Geral*:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement*, *enseigner*, *enseignons* etc., há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement*, *armement*, *changement* etc.; a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo *enseignement* e *justement*, ou ensinamento e *lento*). Por conseguinte, existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo

quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra (CLG, 1916 [2002], p. 146).

Ora, é precisamente disso que se trata no exercício proposto pelo psicanalista. A associação livre proposta por Freud aproxima os termos que apresentam algo em comum, e essa aproximação pode ser tanto pela via do signo (*sacrifício de sangue – Agostinho etc.*), quanto pela do significado (*líquido/fluido/fluidez – o que Freud chama de ambiguidade verbal*), ou ainda pela via do significante (*Aliquis – liquis – relíquia/líquido – o que Freud chama de homofonia*). O exercício de Freud sustenta a análise que fazemos do equívoco entre línguas destacado na historieta e nos permite afirmar que a questão dos limites das línguas não se coloca no encadeamento associativo. Vale ressaltar, da parte do linguista, a curiosa nota deixada pelos editores do *Curso* ministrado por Saussure:

Este último caso é raro e pode passar por anormal, pois o espírito descarta naturalmente as associações capazes de perturbarem a inteligência do discurso; sua existência, porém, é provada por uma categoria inferior de jogos de palavras que se funda em confusões absurdas que podem resultar do homônimo puro e simples (CLG, 1916 [2002], p. 145-146).

Ao apontar como raro, anormal ou absurdo o encadeamento realizado a partir do significante, os editores excluem da vista do linguista justamente o ponto de emergência do sujeito do inconsciente. Nosso gesto é o oposto, o de pensá-lo, com Milner, dentro do escopo da linguística. Ao retomarmos a edição crítica de Engler do CLG, vemos que os editores tiram algo que se mostra no caderno de diversos alunos, o termo “inconsciente/inconscientemente”:

Em Dégallier, lemos “A palavra evocará, de uma maneira inconsciente para o espírito, a ideia de uma infinidade de outras palavras que, de um lado ou de outro, têm algo em comum com ela”; em Gautier, lemos: “*enseignement* evoca inconscientemente para o espírito uma multidão de outras palavras que têm algo em comum com ela”; e em Constantin: “uma palavra como *enseignement* evocará de maneira inconsciente para o espírito em particular a ideia de uma série de outras palavras...” (CLG-E, p. 287 – tradução nossa).

É importante pontuarmos que o termo “inconsciente”, utilizado por Saussure, não é o conceito freudiano. Para o genebrino, o adjetivo “inconsciente” diz de algo que se realiza sem a atenção, a consciência do sujeito falante. Ainda assim, o termo retirado pelos editores seguido da nota explicativa adicionada ao CLG aponta para uma tentativa da parte destes de fazer *Um* da língua, enquanto que para Saussure, como lemos nos cadernos dos alunos, há algo que se passa para além da consciência do sujeito falante. Esse lugar apagado pelos editores dá indício justamente daquilo que tentamos mostrar neste texto: o lugar do equívoco como ponto de desestratificação da língua, de furo e assim, do deslizamento entre línguas.

MATerno E ESTRANGEIRO – UMA QUESTÃO DE LALÍNGUA

Resgatemos agora os pontos soltos deixados no caminho: i. o que é, então, materno e estrangeiro? e ii. como lidar com o equívoco no trabalho com uma língua outra? A fim de pensarmos a relação materno-estrangeiro é imperativo introduzirmos a noção de lalíngua formulada por Lacan em 1971. Para o psicanalista,

a linguagem, sem dúvida, é feita de lalíngua. É uma elucubração de saber sobre lalíngua. **Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com lalíngua.** E o que se sabe fazer com lalíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. Lalíngua nos afeta primeiro

por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de lalíngua, que já estão lá como saber, vão além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 149 – grifo nosso).

“Saber-fazer com lalíngua” é um saber inconsciente, e isso ultrapassa qualquer pretensão instrumental com a língua, seja ela dita *materna* ou *estrangeira*.

Para aquilo que nos interessa da leitura que fazemos do equívoco no fragmento analisado, faz-se necessário adensar uma possível distinção entre materno e estrangeiro, partindo das consequências que Jean-Claude Milner dá à invenção lacaniana de lalíngua, ao afirmar que o singular da língua materna para cada sujeito passa pela jaculação sonora com que o *infans* é banhado e de onde emerge enquanto *falasser* (Milner, 1978 [2012]).

De acordo com a psicanalista Nina Leite, a possibilidade de dizer da singularidade da língua materna deve considerar a seguinte pergunta: materna para quem? É pelo *quem*, ou seja, pelo *sujeito*, pela consideração de que o sujeito é constituído pela linguagem que se pode considerar uma tal singularidade. Para a estudiosa, há duas referências contidas no sintagma língua materna: i. língua falada pela mãe (ou o primeiro Outro); ii. língua nacional (que remete à ideia de nação). Afora essas distinções corriqueiras, a autora destacará a única possibilidade de singularização de uma língua materna – a consideração da instância paterna.

Se a possibilidade de dizer da singularidade da língua materna é o que a remete à filiação paterna, isso se dá através da função do nome-do-pai de metaforizar o desejo da mãe. O nome-do-pai, como o significante que vem no lugar de um outro significante – do falo – é o objeto de desejo da mãe. Essa é a operação que interdita a mãe como objeto original de desejo da criança e lança o sujeito ao campo do desejo, condenando-o “a desejar sempre alhures” (LEITE, 1995, p. 68). Assim, se por um lado seguimos com Milner ao afirmar que é a mãe quem banha o *infans* de linguagem, por outro, seguimos com Leite ao destacar que é o significante paterno que introduz o sujeito na linguagem ao instaurar a falta.

A língua materna é considerada, então, a partir do Real do som que invade o *infans* e o recorta a partir do desejo materno, e essa massa sonora não coincide com uma língua ou uma variante linguística. Por se tratar de lalíngua, esta não pode ser mensurável, só podendo ser vislumbrada a partir de seus efeitos na fala do sujeito, num só depois. É o significante nome-do-pai que, ao interditar o gozo da relação mãe-bebê, lança o sujeito a um ordenamento de língua. Nesse sentido, o que faz uma língua materna ou estrangeira, quando se trata do sujeito do inconsciente diz, não de um sistema linguístico estabelecido previamente/politicamente/historicamente (o inglês, o português, o espanhol...), mas da relação que o sujeito estabelece entre um novo sistema e esse Real da língua materna enquanto figuração de lalíngua.

Para Milner, uma língua é “incessantemente heterotópica”, é um espaço de alteridade, uma “coleção de lugares, todos eles singulares e heterogêneos” (MILNER, 2012, p. 22). Por essa orientação, “a particularidade de uma língua, uma vez fundada por lalíngua, se deve apenas às séries em que sua unicidade se decompõe” (idem), portanto, para se distinguir uma língua de outra, há que se levar em conta que há “um modo singular de fazer equívoco” (idem).

Dessa forma, mesmo a língua que chamamos, no sentido mais comum, de materna, como na expressão “Minha língua materna é o português”, é habitada pelo estrangeiro, a incidência de lalíngua impede que se desenhe um limite entre o materno e o estrangeiro. Nesse sentido, materna ou estrangeira, materna e estrangeira, “a língua sustenta o real de lalíngua” (*op. cit.*, p.28).

O EQUÍVOCO NO ENTRE LÍNGUAS

A análise que propusemos do equívoco produzido pelo deslizamento entre línguas “Oh – All” encontra sustentação nas teses de Milner de que lalíngua é, em toda língua, “o registro que fada ao equívoco” (1978[2012], p. 21) e de que esse registro “não passa daquele que distingue absolutamente uma língua de qualquer outra” (*op. cit.*, p.21). Afirmamos, assim, que é a partir do outro (o professor, a orelha, para emprestarmos a metáfora saussuriana) que um fato de linguagem será ouvido como equívoco. Consideramos, nessa direção, que o equívoco está do lado do sujeito. Trata-se, portanto, de um saber que não se sabe.

Por outro lado, aquilo que é da ordem do erro só leva em conta o saber veiculado pelas gramáticas, pelos dicionários. Certamente que a língua, figuração de lalíngua, não cabe nesses manuais, ou então seria o mesmo de afirmar que o desejo do sujeito ficaria “fadado à cara feia” (*op. cit.*, p. 23).

Encontramos em Lacan uma compreensão do erro que indica a que ordem ele pertence: o erro está do lado do não sabido, não conhecido, nunca ouvido, vivido (LACAN, [1972] 2012). Seu ponto de vista é este da diferença da produção de um erro ou um lapso no entrecruzamento de língua dita materna e estrangeira, considerando o registro de lalíngua. Não estamos equiparando *equívoco* ao *lapso*, tal como Lacan o descreve. Estamos, sim, colocando o equívoco ao lado do lapso, ao considerarmos, com o psicanalista, como a entrada “nas coisas sérias” (LACAN, [1972] 2012, p. 82). – portanto, naquilo que faz série – “sério, tal como o entendo, é *serial* [*sériel*]” (LACAN, [1972] 2012, p. 79).

Assim, nesse gesto de distinguirmos num só-depois o que é da ordem do erro do que é da ordem do equívoco, nos movemos, com Milner e com Lacan, na direção de considerarmos uma ética que tem a ver com o real de lalíngua.

Transpondo as observações realizadas a partir da análise da historietta para pensarmos o trabalho formal em sala de aula, compreendemos que os deslizos, os mal-entendidos produzidos na experimentação com as línguas devam ser escutados, *a priori*, como da ordem do equívoco, e não imediatamente corrigidos, ou descartados como erro. Isso não é o mesmo que negar a existência do erro, mas é, ao mesmo tempo, considerá-lo como inerente ao processo de uma errância necessária pelas línguas, a fim de que se possa algo saber, delas e nelas.

A correção ou descarte imediato disso que é da ordem da experiência nas línguas, com as línguas, significaria ceder ao impulso da partição de natureza imaginária entre o correto e o incorreto da gramática e da presunção de suas regras em detrimento ao reconhecimento de haver o impossível da língua sustentado pelo real de lalíngua. Não se render ao impulso de recuar diante do impossível da língua é uma tomada de partido pela experiência, de ser capturado – na fala, pela língua, pela linguagem – pelo real de lalíngua.

A TERMOS

Sobre a experiência de se aprender uma língua nova, a questão que nos interrogou desde o início foi a dos limites entre a língua materna e a dita estrangeira e, ao mesmo tempo, daquilo que pode/cabe à linguística (e ao linguista-professor) diante da descoberta freudiana do inconsciente. O lugar de observação para nossa investigação foi do deslize, do mal-entendido, disso que ouvimos como da ordem do equívoco na sequência de língua que destacamos do diálogo entre mãe e filho. Essa sequência nos permitiu discutir sobre

algo que ocorre no contexto de aprendizado formal de uma língua estrangeira – o entrecruzamento das línguas.

Nesse caso, nos interrogamos não apenas sobre o que difere uma língua estrangeira da materna, mas, o que de materna e de estrangeira resta na produção verbal (oral, escrita) do *falasser*. É por essa via que nos interessa, antes de mais nada, tomar os mal-entendidos fora da vala comum para onde os erros são descartados - levar a sério - *serial* [*sériel*] – que o “Que se diga fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve” (LACAN, 1972 [2003], p. 448). Em nossas palavras, considerando a sequência de língua que analisamos, levar a sério *o que se ouve do que se diz, e o que fica esquecido do que se ouve no que se diz*.

Mostramos em nossa análise que a língua materna é “aquela em que o jogo dos significantes faz escutar o desejo daquilo que é impossível, o sujeito é nela mais sabido do que sabe” (LEITE, 1995, p. 66). Há um saber que diz para além da consistência, um saber-fazer com a língua, e isso, como já afirmamos, ultrapassa qualquer utilitarismo com a língua, seja ela dita materna ou estrangeira.

Dito em outras palavras, por tratarmos do contexto formal de ensino, o saber que está em jogo no trabalho com as línguas é o saber *sobre* a língua, o que nos impele a destacar que há restrições e contingências a que o aprendiz deve se assujeitar para se dizer em outra língua. Entretanto, com a descoberta freudiana do inconsciente e com Lacan, ao sustentarmos que o inconsciente tem estrutura de linguagem, reconhecemos que o saber *da* língua – de *la* língua – sempre se impõe, atestando a impossibilidade de trabalharmos sob o imperativo da gramática ou do dicionário.

BIBLIOGRAFIA

- ARRIVÉ, M. (2007) *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ELIAS, S. Fundamentos histórico-linguísticos do Português do Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009 – 2ª. Ed.
- FREUD, S. (1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (Esquecimentos, lapsos da fala, equívocos na ação, superstições e erros). *Obras Completas* v. VI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1901) Zur Psychopathologie des Alltagslebens (Über Vergessen, Versprechen, Vergreifen, Aberglaube und Irrtum) 1901. *Gesammelte Werke*. Disponível em: <<http://staferla.free.fr/Freud/freud.htm>>. Acesso em 17 jan. 2022.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. (1981) *A Língua Inatingível* – o discurso na história da linguística. Trad. Bethânia Mariani. Campinas: Pontes, 2004.
- LACAN, J. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998, p. 496-533.
- LACAN, J. (1971-1972[2012]) *O seminário, livro 19. ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2012.
- LACAN, J. (1972-1973[2008]) *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. (1972[2003]) “O aturdido”, in: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 448-500.
- LEMOS, C. T. G.. Entre o falante ideal e o sujeito falante: por onde se move a pesquisa linguística. In: Lúcia Rebello. (Org.). *A Pesquisa em Letras e Linguística em tempos de Pós*. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. p. 1-8. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55632>. Acesso em 16 jan. 2022.
- MILNER, J.-C. (1978) *O amor da língua*. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2012.
- MILNER, Jean-Claude. Linguística e Psicanálise. Rev. Estud. Lacan., Belo Horizonte, v. 3, n. 4, sp, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 maio 2022.
- MILNER, J.-C. (1995) Lacan I - Science du langage et théorie de la structure chez Jacques Lacan. In MILNER, J.-C. *Le périple structural* – figures et paradigme. Paris : Seuil, 2002, p. 141-151.
- MILNER, J.-C. (2002) Lacan II – Technicités de l’hyperstructuralisme Science du langage et théorie de la structure chez Jacques Lacan. In MILNER, J.-C. *Le périple structural* – figures et paradigme. Paris : Seuil, 2002, p. 152-168.

- PÊCHEUX, M. (1983) Discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 2006.
- PEREIRA DE CASTRO, M. F. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 52, n. 1, p. 91–102, 2011. DOI: 10.20396/cel.v52i1.8637204. Acesso em: 17 jan. 2022.
- PEREIRA DE CASTRO, M. F. Sur Saussure et la portée de sa pensée ». In: Daniele Gambarara; Fabienne Reboul. (Org.). *Travaux des Colloques Le Cours de Linguistique Générale*, 1916-2016. L'émergence, Le devenir. 1ed.Genebra: Cercle Ferdinand de Saussure, 2017, v. 1, p. 1-9.
- PLASTOW, M. (2011). L'origine du langage. *La revue lacanienne*, 11, 171-180. <https://doi.org/10.3917/rl.113.0171>
- PUECH, C. (2000[2013]). “L'esprit de Saussure : réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève)”, in: Les dossiers de HEL, Paris, SHESL, n. 3. Disponível em: htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf. Acesso em jun. 2018.
- SAUSSURE, F. (1916[1968]). *Cours de linguistique générale*. Tomo 1, edição crítica de R. Engler, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968.
- SAUSSURE, F. de. (1916[2002]) *Curso de linguística geral*. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (orgs.), Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum (1970). São Paulo: Cultrix.
- TRABANT, J. (2005) “Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l'étymologie saussurienne”, in: *Langages*, n. 159. pp. 111-124. Disponível em: <www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2005_num_39_159_2655> Acesso em jun. 2018.

Recebido: 19/1/2022
Aceito: 12/4/2022
Publicado: 22/6/2022